

Coreia do Norte: A 9ª Potência Nuclear

Nuno Pereira de Magalhães | *IDN Brief* | Novembro de 2022

No dia 9 de outubro de 2006, a Coreia do Norte anunciou que tinha efectuado com sucesso um teste nuclear subterrâneo, tornando-se assim na nona potência a desenvolver capacidades militares a esse nível. Pyongyang juntava-se aos Estados nucleares do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares de 1968 – EUA, Rússia, Reino Unido, França e China – e aos países que desenvolveram armas nucleares à revelia desse regime – Israel, Índia e Paquistão. Em menos de duas décadas, apesar das dificuldades sócio-económicas que o país tem enfrentado, a Coreia do Norte construiu um arsenal robusto com uma tripla capacidade de projecção que lhe oferece uma credível capacidade de dissuasão nuclear.

No final da Guerra Fria, com o colapso da União Soviética e perante a fragilidade da China, a Coreia do Norte acelerou o programa nuclear que havia iniciado na década de 1950¹. Pyongyang encontrou nas armas nucleares uma garantia essencial de segurança e um fundamental trunfo de extorsão que poderia garantir apoios económicos face a uma economia anacrónica², quer através de concessões negociais ou do medo que o eventual colapso de uma potência nuclear pudesse gerar. Outra vantagem imprescindível, não aplicável a Kim Il-sung, era a de um programa nuclear em desenvolvimento ou consolidado gerar apoio doméstico a favor de uma nova liderança, importante para Kim Jong-il em 1994 e absolutamente fundamental para Kim Jong-un em 2011³.

Dada a sua importância, o programa nuclear desenvolveu-se apesar da forte pressão internacional, quase unânime, juntando não apenas os maiores rivais da Coreia do Norte mas também os maiores aliados. A Coreia do Sul, EUA, China, Japão e a Rússia, os Estados com um maior envolvimento no processo de desarmamento, promoveram a desnuclearização de Pyongyang através das Nações Unidas, das Negociações a Seis e por via bilateral. No entanto, a competição entre os EUA e a China impediu uma estratégia eficiente, que demonstrasse a Pyongyang que os custos associados à manutenção das armas nucleares seriam superiores aos custos associados ao desarmamento. O resultado foi o fracasso do processo de desnuclearização.

¹ Walter C. Clemens Jr., North Korea's Quest for Nuclear Weapons: New Historical Evidence, *Journal of East Asian Studies*, Vol. 10, N.º 1, 2010, p. 129.

² Byung-Yeon Kim, *Unveiling the North Korean Economy: Collapse and Transition*, Cambridge, Cambridge University Press, 2017.

³ Nuno Magalhães, Nuclear Strategy and Leadership Change in North Korea: Old Soju in a New Bottle, *Nação e Defesa*, N.º 134, 2013, pp. 223-246

Actualmente, pode estimar-se que a Coreia do Norte tenha armazenado material físsil suficiente para produzir entre 45 e 55 armas nucleares mas que, efectivamente, possua um arsenal cujo tamanho deve oscilar entre 20 e 30 unidades⁴. Em termos de projecção, a Coreia do Norte pode supostamente utilizar as suas armas através dos seus bombardeiros, submarinos, e mísseis balísticos estratégicos, cujo expoente é o míssil balístico intercontinental Hwasong-17, testado em março de 2022 e teoricamente com capacidade para atingir alvos a 15.000 km de distância⁵ – maior do que aquela que separa Pyongyang de Washington. Neste momento, os norte-coreanos procuram aperfeiçoar tecnologicamente o seu programa através de ferramentas como os veículos de reentrada múltipla e independente e as armas nucleares táticas – supostamente já testadas este ano⁶ – que lhes permitam, respectivamente, evadir os sistemas anti-balísticos dos rivais e atingir alvos nos países vizinhos em cenários de conflito. Quanto à sua postura estratégica, de acordo com a Lei da Política Nuclear de 8 de setembro de 2022, para além da defesa contra ataques nucleares, a Coreia do Norte reserva-se o direito de utilizar estas armas em cenários de “primeiro-uso”, ataques preemptivos, e como resposta a táticas de decapitação da liderança norte-coreana⁷.

A Coreia do Norte tem aproveitado a actual guerra na Ucrânia para desenvolver essas capacidades nucleares, visto que o conflito gera oportunidades para a realização de testes militares no âmbito do programa nuclear, sejam relativos a armamento ou a sistemas de projecção. O conflito dispersa a atenção da sociedade internacional, principalmente dos EUA, e diminui a capacidade para reagir eficientemente em relação a esses testes. Este cenário permite a Pyongyang realizar testes que permitem simultaneamente fortalecer o seu programa nuclear e forçar o regresso de negociações em condições favoráveis aos norte-coreanos. De facto, desde que começou o conflito, o número de testes com mísseis atingiu uma frequência inédita. Olhando para os lançamentos de mísseis com uma carga mínima de 500 kg e um alcance mínimo de 300 km, de fevereiro a outubro de 2022 a Coreia do Norte efetuou 34 testes, 16,6% dos 204 testes realizados entre 1984 e 2022 e um número superior ao total de testes realizados durante qualquer ano nesse período⁸. Um novo teste nuclear, que seria o sétimo, ainda

⁴ 4 Hans M. Kristensen e Matt Korda, North Korean nuclear weapons, 2022, *Bulletin of the Atomic Scientists*, Vol. 78, N.º 5, 2022, p. 276.

⁵ Japan, “Recent Missile & Nuclear Development of North Korea”, Ministry of Defence, July 2022, p. 7.

⁶ Justin McCurry, North Korea says missile tests simulated striking South with tactical nuclear weapons, *The Guardian*, 10 October 2022, disponível em <https://www.theguardian.com/world/2022/oct/10/north-korea-says-missile-tests-simulated-striking-south-with-tactical-nuclear-weapons>

⁷ *Korean Central News Agency*, Law on DPRK’s Policy on Nuclear Forces Promulgated, 9 de setembro de 2022, disponível em <https://www.kcna.kp/en/article/q/59b4eb9b3cc6925359ade3537d043ec88f8ab02d5ffc5c365823e6d67c5b.kcmsf>

⁸ Nuclear Threat Initiative, The CNS North Korea Missile Test Database, atualizada em 19 de outubro de 2022, disponível em <https://www.nti.org/analysis/articles/cns-north-korea-missile-test-database/> [acedido a 23 de outubro de 2022].

não se realizou, pois atualmente não é tão necessário do ponto de vista militar – comparando com o aperfeiçoamento dos sistemas de projecção – e é politicamente mais arriscado, mas continua a ser o maior trunfo de Kim Jong-un.

Presentemente, os EUA de Joe Biden e a Coreia do Sul de Yoon Suk-yeol não parecem dispostos a negociar com a Coreia do Norte sem cedências efetivas que indiquem um movimento credível em direcção à desnuclearização, algo que a Coreia do Norte neste momento não parece disposta a aceitar, principalmente com a continuação do discreto mas essencial suporte da China e o provável aumento do apoio da Rússia. Assim sendo, prevê-se que continuem os testes com mísseis – complementados por provocações como as recentes, envolvendo caças e bombardeiros⁹ – e que, caso as negociações não regressem em termos favoráveis a Pyongyang, um novo teste nuclear possa realizar-se ainda a coberto do conflito na Ucrânia.

<https://www.idn.gov.pt/pt/publicacoes/idnbrief/Documents/2022/IDN%20brief%20no%20vembro%202022.pdf>

⁹ *Yonhap News Agency*, Nearly dozen N. Korean military aircraft identified flying near inter-Korean air boundary: JCS, 14 de outubro de 2022, disponível em <https://en.yna.co.kr/view/AEN2022101400030035>